

A POLÍTICA COMO CATALISADORA DA CULTURA

Elementos Folkcomunicacionais na Historicidade do Festribal de Juruti/PA (1983 a 2024)¹

Giselle Moreira do Vale²

RESUMO

Objetivando analisar a historicidade do Festribal, no período de 1983 a 2024, na perspectiva folkcomunicacional, o estudo busca contribuir com a epistemologia amazônica a partir de suas festas. Identificou-se a política como catalisadora da cultura e nela dois elementos fundamentais para a folkcomunicação: a temática indígena e da preservação ambiental como drama social do espetáculo e a ascensão de pessoas ligadas à Munduruku e Muirapinima à gestão municipal. Dessa maneira, o Festribal encena a luta pela Amazônia e pelas pessoas que nela vivem.

PALAVRAS-CHAVE

Festribal; Juruti; Folkcomunicação; política; cultura

INTRODUÇÃO

Proponho com este estudo atravessarmos o rio Amazonas e adentrarmos na “cidade das tribos”, na “terra de encantos e magia”, duas alcunhas populares que se referem ao município de Juruti, estado do Pará, que está distante aproximadamente 850 km da capital Belém e apenas três horas de barco da cidade de Parintins/AM, com quem tem fortes relações culturais.

Tal proposta busca trazer para a discussão os locais que protagonizam o seus conhecimentos e suas diferentes formas comunicacionais através da festa popular chamada Festribal, como comumente é chamado o Festival Folclórico dos Povos Indígenas de Juruti³, e por isso seu diálogo com a Folkcomunicação, que traz a oralidade como principal forma de criar, comunicar e denunciar. “O Folclore como manifestação

¹ Trabalho apresentado para o GT 4 - Futuros Ancestrais, integrante da programação da 22^a Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará. Mestra em Ciências da Sociedade. Contato: giselle.lima@ufopa.edu.br

³ Até 2023, era denominado Festival Folclórico das Tribos de Juruti, e seus grupos eram chamados de Tribo Munduruku e Tribo Muirapinima. O termo tribo deixou de ser usado em 2024 bem como todos os itens avaliados que remetem à tribo ou índio.

de comunicação” (Benjamin, 2011, p. 283). A festa de Juruti ocorre anualmente no último final de semana do mês de julho, com a disputa entre Munduruku e Muirapinima, numa arena chamada Tribódromo. Esse formato de disputa entre dois grupos folclóricos indígenas é datado desde 1995.

Festas populares como o Festribal surgem como instrumentos de visibilidade e de representação de culturas, memórias e até mesmo de críticas a toda a história regional de conflitos, de extermínio, de aculturação forçada, de perdas territoriais e de devastação ambiental. Também emergem como marca identitária e são utilizadas como ações políticas tanto para fins econômicos quanto para a reflexão e desconstrução do imaginário de que a Amazônia é apenas um espaço geográfico desabitado de gente.

Coincidemente, Juruti também é um lugar marcado pela exploração vinda da mineração, cujo processo de implantação, iniciado em 2005, gerou diversos conflitos territoriais com as comunidades tradicionais da região de Juruti Velho. A Alcoa, empresa responsável pela exploração, não reconhecia a legitimidade dos comunitários como donos do lugar, tensionando ainda mais o conflito, como é de práticas na Amazônia.

O Festribal, nesse sentido, torna-se um instrumento de denúncia e de debate sobre os impactos socioambientais decorrentes das violências que sofrem os grupos sociais historicamente marginalizados com a colonização europeia e hoje, dos grandes projetos desenvolvimentistas para a região amazônica, como os indígenas, ribeirinhos, quilombolas, pequenos agricultores e pescadores, como é o caso de Juruti. “Daí a oportunidade histórica da contralinguagem progressivamente criada pelas novas estratégias ativistas [...] um contradiscorso que combina participação social com interatividade midiática” (Sodré, 2003, p.39 e 40), já que o Festribal é um espetáculo cultural amazônico, que na sua organização e midiatização focaliza o interesse econômico, porém, possui traços de resistência na sua forma de apresentação e encenação da vida cotidiana dos povos indígenas, cuja referência está na presença histórica dos indígenas na formação social de Juruti. Como o Festribal dialoga com a Folkcomunicação?

Objetivando analisar a historicidade do Festribal, no período de 1983 a 2024, na perspectiva folkcomunicacional, o estudo busca contribuir com a epistemologia amazônica a partir de uma festa folclórica. Para traçar a historicidade do Festribal de Juruti, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e em profundidade com três ex-prefeitos e a atual prefeita, dois ex-secretários municipais de cultura e o atual secretário da pasta, e recorremos a histórias orais, valorizando a perspectiva dos sujeitos envolvidos

com a festa desde sua origem até o momento. Essas histórias vieram de artistas e de pessoas que também participaram do surgimento dos grupos folclóricos Munduruku e Muirapinima, atualmente chamados de Povo Indígena Munduruku e Povo Indígena Muirapinima, respectivamente.

O trabalho com histórias orais permite acessar “uma representação que é compartilhada por certos atores sociais e que produz, portanto, seus próprios efeitos de realidade. Declaração de rupturas, anunciando ‘novas eras’ ou ‘novos momentos’ de práticas sociais que tendem a produzir novos olhares sobre o passado destas” (Cavalcanti, 2009, p. 199-200). “A História Oral, como metodologia de pesquisa para os trabalhos na perspectiva folkcomunicacional, pode apontar novas interpretações para aspectos históricos, sistemas simbólicos, práticas socioculturais (Menezes; Lopes; e Rodrigues, 2018. p.186).

A HISTORICIDADE DO FESTRIBAL DE JURUTI/PA

No recorte cronológico definido, 1983 a 2024, foi possível identificar os principais processos que foram determinantes para que o Festribal ocupasse o lugar de protagonista da cultura local, destacando Juruti no cenário cultural do estado do Pará, como um espetáculo cultural amazônico, voltado para o turismo.

Esse turismo, no entanto, ultrapassa a noção do turismo tradicional, para se por como uma experiência que busca viver a do outro, em especial, esse outro amazônico como lugar e diferença, ainda preso à estereotipia da Amazônia como um lugar encantado, como as florestas e seus mistérios, como o povo exótico que a habita. (Amaral Filho; Alves, 2018 p. 48)

Identificar esses processos históricos ajuda compreender como o Festribal de Juruti se tornou o que ele é atualmente: reconhecido como uma das mais importantes manifestações culturais do estado do Pará e da região do Baixo Amazonas; uma referência na forma de luta política pelos direitos dos povos indígenas; um entretenimento; um movimento artístico; uma produção de saberes locais; objeto de estudo científico. Foram identificados três *superfícies de emergência*¹ (Foucault, 2008), que gera mudanças significativas no cenário cultural de Juruti: o cenário fértil, o surgimento e a consolidação

¹ É um conceito tratado por Michel Foucault em “Arqueologia do Saber” como condições e práticas que tornaram possíveis a visibilidade de um determinado fenômeno e não outro fenômeno.

e a espetacularização.

O CENÁRIO FÉRTIL

Apesar da origem do Festribal datar 1995, é importante compreender o contexto em que foi possível essa “origem”. O cenário fértil corresponde ao período de 1983 a 1992, período que antecede o surgimento das danças folclóricas Munduruku e Muirapinima, que hoje são associações folclóricas e misturam coreografias e teatralizações voltadas à temática indígena.

Em 1982, última eleição realizada sob o regime militar no Brasil, foi eleito em Juruti o prefeito mais jovem da história, Madson Auzier Pinheiro (MDB – 1983 a 1988), com apenas 26 anos. Filho de Nilçon Pinheiro (*in memorian*), que foi três vezes deputado estadual do Pará e duas vezes prefeito de Juruti, desde novo, Madson foi preparado para a vida política. Com a ajuda de sua esposa, Régia Pinheiro (*in memorian*), que assumiu a Secretaria Municipal de Administração e Finanças em 1984, iniciaram um plano de ação voltado para a cultura. “Começamos o movimento de juntar os grupos folclóricos que já existiam, inclusive das comunidades rurais e trazer para a cidade para que se apresentassem nas festas juninas” (Madson Pinheiro, em entrevista cedida em julho de 2023).

Nesse período, já havia premiação para a melhor apresentação e tinha um intenso envolvimento comunitário para prestigiar essas apresentações, inclusive de pessoas de municípios próximos, como Parintins (AM) e Óbidos (PA). Juruti já começava a se destacar entre os municípios vizinhos pela cultura, ou seja, o Festribal surgiu num campo fértil e efervescente que já se desenvolvia no município, com os concursos de quadrilhas juninas, na década de 1980, propiciado pelo incentivo da gestão municipal, e com a criação de um Festival Folclórico de Juruti, em 1986, como forma de valorizar e ampliar ainda mais a diversidade artística. Isso resultou com que outros grupos folclóricos se organizassem para fazer parte dessa programação, como a Dança do Tucano, que passou a se apresentar junto com as quadrilhas juninas, o grupo de dança Ou Vai ou Racha, Dança do Cangaço, Boi do Nino, Boi do Miri, entre outros, e posteriormente as danças indígenas Munduruku e Muirapinima.

Até 1992, a gestão municipal, incluindo o primeiro mandato de Isaías Batista Filho (*in memorian*), teve suas ações voltadas às melhorias dos locais de apresentação, o que demonstrava o fortalecimento da cultura em Juruti e sugeria que tais ações incidiam na continuidade do Festival Folclórico. Foi um período importante para que os jovens

jurutienses pudessem se descobrir como artistas, coreógrafos, compositores, historiadores, apoiados principalmente pelas suas famílias. Havia o envolvimento comunitário com a festa. Mesmo com a participação da Prefeitura de Juruti, o protagonismo nesse período era da comunidade local, à medida que a comunidade intensificava seu papel de criadora.

O SURGIMENTO E A CONSOLIDAÇÃO DO FESTRIBAL DE JURUTI

Todo esse movimento cultural que começou a se expandir a partir de uma iniciativa política propiciou a emergência dos grupos de dança Munduruku e Muirapinima, e consequentemente, a consolidação da disputa entre elas, no formato denominado Festribal. Em 1993, um grupo formado por jovens jurutienses que viviam o contexto do Festival de Parintins resolveu trazer para o Festival Folclórico de Juruti o formato dos bois bumbás amazonenses, fazendo apenas referência aos povos indígenas, com o intuito de homenagear os primeiros habitantes da história de formação do município paraense. Sob liderança de jovens do bairro Centro e com o apoio de Carmem Barroso (*in memorian*) e de Aldecias Batista, foi criado o grupo de dança folclórica Tribo Munduruku.

Hoje, o Povo Indígena Munduruku tem como cores principais vermelha e amarela; é chamada de tribo verdadeira; sua torcida organizada é chamada de Raça Munduruku; o local de ensaios é o Universo Mundurukus; e seu grupo de dançarinos é denominado de Companhia de Dança Guerreiro Jullys, em homenagem ao ex-dançarino Jullys Viana que faleceu em 2020.

Em 1995, por meio da disciplina “Redação e Expressão”, as professoras Aurecília Andrade e Sebastiana Picanço (*in memorian*), deram início, juntamente com alunos da Escola Estadual Américo Pereira Lima, a uma pesquisa sobre a região de Juruti Velho. A pesquisa descobriu que vivia na região em questão um povo indígena desmembrado do povo mundurucu, autoidentificado como povo muirapinima por ter essa espécie de árvore no local onde eles se instalaram e passaram a viver. Dessa pesquisa surgiu a Dança do Fogo, que se apresentou na tradicional festa junina da escola, realizada para angariar fundos para a lajota das salas de aula, dança que constituiu a dança indígena Tribo Muirapinima para o Festival Folclórico de Juruti.

A primeira apresentação da Tribo Muirapinima no Festival Folclórico de Juruti foi com o tema “Tradição e Cultura”, marcando oficialmente, em 1995, a primeira disputa entre tribos e o início do Festribal. O Povo Indígena Muirapinima tem como cores principais vermelha e azul; é chamada de tribo do povão; sua torcida organizada é

chamada de Fúria Azul e Vermelha; o local de ensaio é a Aldeia Muirapinima; e seu grupo de dançarinos é denominado de Grupo de Dança Estrela Juba, em homenagem ao ex-brincante da tribo, mais conhecido como Juba, que faleceu em 2005.

Até 1995, os grupos de danças se apresentavam numa quadra, construída na gestão de Isaías Batista Filho, onde hoje é o Parque Infantil. Em 1996, o Festival Folclórico de Juruti passou a ser realizado no Centro Cultural e Desportivo Hudson Rebelo, inaugurado em 1996, na gestão de Ariosvaldo Pereira Rebelo (1993 a 1996), popularmente conhecido como Parazinho. Esse foi o local oficial das apresentações até 1999. Ressalta-se que até 1999, os espaços não se destinavam a grupos específicos, mas ao Festival como um todo. Entretanto, isso mudou no final do segundo mandato de Isaías Batista Filho.

O Tribódromo, construído em 2000 pela Prefeitura de Juruti em parceria com o Governo do Estado, passou a ser o local oficial das apresentações dos grupos folclóricos e das tribos Munduruku e Muirapinima, assim denominadas na época. A mudança de local das apresentações compreende um importante processo que evidencia o protagonismo das tribos. O Tribódromo já traz no nome a marca tribal, foi construído para a disputa entre as tribos e pensado para uma grande quantidade de público, já que a sua capacidade é de 10 mil pessoas e 300 brincantes.

A construção de um espaço exclusivo para as tribos folclóricas sinaliza a eliminação da ideia de várias manifestações culturais de Juruti, significando que o Festribal começa a se desenhar como um produto cuidadosamente elaborado de uma política cultural e de desenvolvimento, e não apenas como um entretenimento local. As demais danças folclóricas deixaram de se apresentar em 2005, ficando apenas Munduruku e Muirapinima como únicos grupos no Festival Folclórico de Juruti.

A ESPETACULARIZAÇÃO

O simbolismo do Tribódromo também reforça o significado que o espaço assume no processo de “vender o Festribal” para torná-lo um produto turístico, pois é onde há a maior concentração do público que prestigia a festa. É também no Tribódromo que os veículos de comunicação registram e transmitem a festa, atingindo um público muito maior. Precisa estar bem apresentado para ser “vendido”. Considera-se que o Tribódromo é o marco temporal para a intensificação do processo de espetacularização da festa de Juruti. “A materialização do imaginário em espetáculo se realiza por meio de recursos humanos e técnicos especializados. Ironicamente, forças da razão e das encantarias míticas

se juntam para tecer o espetáculo em favor do lúdico e do mercado” (Nogueira, 2013, p.148). Esse período de espetacularização corresponde de 2005 a 2024.

Em 2005, no primeiro mandato de Henrique Costa (PT – 2005 a 2008), foi criada a Secretaria Municipal de Cultura, Desporto e Turismo (Secdet) que passou a ser responsável pela organização do Festribal, anteriormente gerido pela Secretaria Municipal de Educação. Com essa mudança, também o formato da festa foi mudado, deixando de ser apenas um dia de apresentação de Munduruku e Muirapinima, e sim três dias de festa: Festa dos Visitantes, Apresentação dos grupos mirins e a disputa oficial de Munduruku e Muirapinima. Dessa forma, o nome do evento deixa de ser Festival Folclórico de Juruti e passa a se chamar Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti, o Festribal.

Em 2008, o Festribal foi reconhecido como patrimônio cultural do estado do Pará (Lei 7.112/2008), pela então governadora Ana Júlia Carepa (PT), que em 2009, segundo mandato de Henrique (PT – 2009 a 2012), foi a primeira chefe de estado a participar presencialmente do Festribal de Juruti, junto ao Secretário de Cultura, Edilson Moura, e outros políticos paraenses. A declaração do Festribal como patrimônio cultural, idealmente, indica que o poder público, por meio de suas políticas culturais, tem como dever preservá-lo e fomentá-lo. Desde então, a parceria com o governo estadual se mantém até hoje.

A fase de midiatização do evento foi iniciada também em 2009, com a primeira transmissão ao vivo do Festribal, pela Amazon Sat, canal amazonense, e em 2010, pela TV Cultura do Pará, que transmite até os dias de hoje. Esse período também foi marcado pela produção do primeiro DVD do Festribal com o intuito de ser um instrumento de captação de recursos e de divulgação. O produto foi resultado de um projeto da Secretaria de Cultura, no governo de Henrique Costa, que recebeu o apoio de R\$ 28 mil reais do Instituto Juruti Sustentável (Ijus), para a sua produção em 2017.

O município de Juruti entrou no Mapa do Turismo em 2016, na gestão de Marco Aurélio Dolzane do Couto (PSD – 2013 a 2016), após cumprir todos os requisitos estabelecidos pelo Ministério do Turismo. Essa inserção ocorre em meio a um movimento emergente no Brasil, especialmente na Amazônia, que está promovendo o turismo como uma atividade econômica, e que tem ganhado cada vez mais espaço dentro das estratégias governamentais com a proposta de desenvolver econômica e socialmente a região. A inserção de Juruti no Mapa do Turismo foi importante para que a Secretaria de Cultura de Juruti começasse a construir o Festribal como política cultural e de turismo. Produziu-se

o primeiro inventário turístico de Juruti, em 2014.

Apesar de períodos e processos diferentes, existe algo em comum nas três mudanças: a presença da política como categoria determinante em todos esses processos. É justamente a partir da política que foram identificados alguns elementos folkcomunicacionais importantes.

ELEMENTOS FOLKCOMUNICACIONAIS

Os movimentos culturais, por exemplo, surgem como forma de desconstruir a marca do atraso, da inferioridade e da homogeneização que por séculos moldam o imaginário sobre a região amazônica, pois a arte é um universo simbólico que serve como instrumento de conhecimento e de construção do mundo dos objetos (Bourdieu, 1989). É uma forma de reescrever a história, de expor o descompromisso social da política econômica do extrativismo de *commodities* e que tem impactado negativamente nos territórios explorados e nas populações de fronteiras, ou seja, aquelas que são diretamente atingidas pelas atividades predatórias, como os povos indígenas: grupo social que mais está presente nessas zonas de conflito (Martínez-Alier, 2015). José Marques de Melo (2008) conceitua que “a folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica, para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural” (p.17). No Festribal, artes cênicas, musicalidade, rituais e a oralidade são acionadas como mecanismo artesanal para a expressão popular sobre a realidade local.

Surge, então, a temática indígena e da preservação ambiental como drama social do espetáculo, e como primeiro elemento folkcomunicacional. Contextos esses exaustivamente discutidos e que têm gerado mobilização mundial de enfrentamento a essa realidade, cuja retórica está presente nas encenações e na musicalidade do Festribal, e que ganha muito mais força à medida que o evento é midiatizado, como o trecho de Canto de Liberdade, do Povo Indígena Muirapinima, encenado em 2022, composta por Alisson Lima / Andréa Alves / Daniel Costa: “Meu canto é? Liberdade de crença! Liberdade território! Liberdade do meu chão!”. A música Não silenciarás nosso canto ancestral, composta por Sebastião Júnior, foi destaque nas apresentações de Munduruku, nos anos 2019 e 2022: “Vi minha terra queimar. Vi meu rio sucumbir. Vi o chefe da tribo chorar. A natureza agonizar” também sinaliza a preocupação dos fazedores de cultura de Juruti com a questão do território e da presença indígena na região.

Quando se analisam os atos performáticos das apresentações e a musicalidade que se posiciona politicamente, vê-se que é a partir dessa perspectiva que o discurso identitário contribui para um espetáculo cultural que utiliza estrategicamente espaços simbólicos para se posicionar frente a um projeto de dominação social e econômica. Da Matta (1979) coloca que as festas também pautam um comportamento e uma identidade. Nesse sentido, “há no espaço amazônico um tumulto, uma vivacidade, um conflito explosivo, talvez provocado – e povoados – pelas múltiplas contradições entre as formas discursivas, as representações e as figurações que disputam a sua identidade” (Castro, 2018, p.13). Torna-se, portanto, um espaço de resistência simbólica ao projeto de desenvolvimento insustentável na Amazônia. “Todo fenômeno social de largo alcance gera uma prática discursiva pela qual se montam e se difundem as significações necessárias à aceitação generalizada do fenômeno” (Sodré, 2003, p. 21).

Vê-se com isso que não é apenas o mercado, o capital cultural que se ganha, mas também a própria comunidade local se apropria desses elementos teatralizados com personagens no papel do colonizador e do colonizado, simbolizando o drama social, em que os atores são sujeitos da ação, que verbalizam, refletem, condenam, interagem, mudam o curso das interações sociais (Cavalcanti, 2007). Constrói-se uma narrativa baseada na emoção e no sentimento de dor e sofrimento causado pela política econômica que prioriza o capital em detrimento das condições dignas de vivências das pessoas, como mostra a Figura 1. É a memória como registro do passado e o presente midiatisada.

Figura 1 - Apresentação Tribo Munduruku no Festribal 2019



Fonte: Cultura Rede de Comunicação/Youtube

Outro elemento folkcomunicacional que podemos apontar é a ascensão de pessoas ligadas à Munduruku e Muirapinima a gestão municipal, organizadora e principal financiadora do Festribal de Juruti. A política sempre esteve presente em todo o processo histórico do Festribal, pois ele já nasceu de uma vontade política na década de 80 quando a ideia de reunir grupos folclóricos para se apresentar nasceu da gestão municipal. E isso foi se ampliando e se intensificando com o passar dos anos e das gestões. Cada prefeito em sua época dando sua contribuição. Para além de contribuição, a história do Festribal também é marcada pela ocupação dos espaços políticos como Prefeitura e Câmara Municipal por representantes da cultura, especial do Festribal.

Começando pelo ex-prefeito Henrique Costa, que começou a se inserir na cultura jurutiense ainda como presidente do grupo de dança “Ou Vai ou Racha”, na década de 1990. Ao assumir a Prefeitura em 2005, teve como primeiro secretário de Cultura do município o folclorista e um dos fundadores de Munduruku, Edvander Batista, que permaneceu no cargo até 2012. A secretária de Finanças, Sandra Andrade, a secretária de Educação, Heriana Santos, e a secretária de Saúde, Ana Márcia Cunha, também tinham forte envolvimento no Festribal, pois eram do grupo Muirapinima. O vice-prefeito, Marco Aurélio Dolzane, em seu segundo mandato, viu sua filha se tornar Porta Estandarte Muirapinima. Hoje, Nayme Lopes é secretária municipal de Meio Ambiente na gestão de Lucídia Batista.

Marco Aurélio, popularmente chamado de Marquinho, assumiu a Prefeitura no

período de 2013 a 2016, e continuou a política de modelar o Festribal como produto turístico. Andréa Alves, coreógrafa da Tribo Muirapinima e uma das fundadoras do grupo Ou Vai Ou Racha, foi secretária municipal de Infraestrutura, e hoje teve três mandatos como vereadora. Teve também como secretário municipal de Produção, Alex Guedes, atualmente presidente do Povo Indígena Munduruku.

Em 2017, no terceiro mandato de Henrique Costa, assumiu a secretaria municipal de Cultura uma das fundadoras do Povo Indígena Muirapinima, Ariadne Elizabeth Lima. Já em 2021, no mandato de Lucídia Benitah, o secretário de Cultura é Sebastião Júnior, levantador de toadas do Boi Garantido desde 2010, que começou seu trabalho como cantor e compositor no Festribal de Juruti. Alex Guedes hoje secretário especial de Governo.

Esses exemplos ilustram a importância de ocupar espaços e cargos políticos, pois são eles que direcionam políticas públicas, que criam oportunidades e fortalecem os grupos que representam. No caso de Juruti, o poder de exercer influência política dos grupos folclóricos, contribuíram para o fortalecimento do Festribal. São elas que sugerem, dialogam, buscam parceria. De fato, não existe mais a possibilidade de fazer política sem pensar em Munduruku e Muirapinima, sem chamá-las ao diálogo. Além de ocuparem espaços políticos ao longo da história do Festribal, juntos, Munduruku e Muirapinima conseguiram obter apoio de empresas privadas, mídias, instituições públicas estaduais e federais; implementaram um conjunto de ações que transformaram o sentido da festa, de puramente entretenimento local para se tornar reconhecida, por outros grupos e em outras regiões, como uma das manifestações culturais mais importantes do Baixo Amazonas e do estado do Pará.

A atuação dos atores locais, historicamente marginalizados, inclusive pela própria mineração que hoje exerce atividade em Juruti, na política é uma forma comunicacional de mobilização para o espetáculo e pela denúncia, que se utiliza de um espaço midiático hegemônico para colocar em cena a voz contra-hegemônica como parte do espetáculo. Ninguém dá voz a eles, eles mesmos falam por si porque eles estão nos espaços de decisão e de articulação de estratégias. Os processos encaminhados até os dias atuais foram traçados por eles, tornado-se, portanto, agentes de informação e de expressão de ideias, como prima a teoria da Folkcomunicação de Luiz Beltrão (2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se neste trabalho, aproximar o Festribal de Juruti, considerado uma das maiores manifestações culturais da região do Baixo Amazonas, região paraense que abrange 13 municípios, e protagonizado pelos grupos folclóricos Povo Indígena Munduruku e Povo Indígena Muirapinima, com a Folkcomunicação. Identificando no Festribal elementos que os aproxima. A festa popular se propõe a valorizar as questões indígenas e amazônicas, colocando em pauta, também, temas como a defesa dos direitos dos povos indígenas, a territorialidade desses povos, a memória e o desenvolvimento sustentável. Tudo isso é teatralizado em cores, danças, músicas e alegorias, em forma de disputa numa arena chamada Tribódromo.

No plano local, os sujeitos que são hoje o estado, estão diretamente ligados aos grupos e ao Festribal, significando que quem conduz as políticas culturais no município de Juruti é a própria comunidade de Juruti envolvida com a cultura local, porque são eles que estão dialogando e decidindo juntamente com as outras esferas. De modo consensual, o poder público local e os grupos folclóricos agenciam e enunciam o Festribal de Juruti para torná-lo um produto turístico na Amazônia.

A própria política se tornou espaço de valorização da cultural local, pois seus representantes passaram de proponentes e idealizadores para gestores e aplicadores de leis e regras de políticas culturais. Isso fez e faz toda a diferença. E mesmo que a mídia e a cultura estejam voltadas ao mercado de bens simbólicos, o Festribal ainda se mantém como resistência ao sistema de exploração da Amazônia, como se depreende das músicas de Munduruku e Muirapinima. As temáticas mais usadas pelos compositores são as de proteção dos povos indígenas e da biodiversidade. Dessa maneira, o Festribal encena a luta pela Amazônia e pelas pessoas que nela vivem, e portanto, criam e definem estratégias próprias de comunicação a partir da sua festa.

REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, Otacílio e ALVES, Regina. **Os espetáculos culturais na Amazônia:** do Boi de Parintins ao Círio de Nazaré. In CASTRO, Fábio Fonseca, et.al. Comunicação e cultura na Amazônia. Belém, Mega Mestre, 2018.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias.** Porto Alegre: Edipucrs. 2014.

BENJAMIN, R. Folkcomunicação: da proposta de Luiz Beltrão à contemporaneidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], n. 8-9, 2011.**

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **As identificações amazônicas**. Belém: NAEA, 2018.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Drama social: notas sobre um tema de Victor Turner**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 16, p. 1-304, 2007

CAVALCANTI, Mariana. Sobre alguns usos emergentes da história oral nos Estados Unidos: o caso do furacão Katrina. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009, p. 196-217.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6^a ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. Disponível em https://comunicacaoeporte.files.wordpress.com/2010/10/28211389-roberto-damatta_carnavais-malandros-e-herois.pdf Acesso: 23 de maio de 2025.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MARTÍNEZ ALIER, Joan. Ecología política del extractivismo y justicia socio-ambiental. **Interdisciplina**, v. 3, n. 7, 2015, P. 57-73

MELO, José Marque de. **Mídia e cultura popular**. São Paulo: Editora Paulus, 2008

MENEZES, Gleilson Medins de; LOPES, Rafael de Figueiredo; RODRIGUES, Allan Soljenítsin Barreto. A História Oral como metodologia de pesquisa em Folkcomunicação. In: **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Volume 16, Número 36, p.183-198, 2018.

NOGUEIRA, Wilson de Souza **A espetacularização do imaginário amazônico no boi bumbá de Parintins**. 2013. 244 f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, 2013.

PARÁ. Lei 7.112, de 24 de março de 2008. Declara o Festival Folclórico das Tribos Indígenas de Juruti como patrimônio cultural do Estado do Pará. **Diário Oficial Estado do Pará**: Belém, PA, ano CXVI, n.31.113, p.1-56, 24 de março de 2008. Disponível em <https://www.ioepa.com.br/pages/2008/2008.03.24.DOE.pdf> Acesso: 20 de janeiro de 2023.

SODRÉ, Muniz. O Globalismo como neobarbárie. In: **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. Denis de Moraes (org). Rio de Janeiro: Record, 2003.